



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

MARTINS SARMENTO. O PRESTÍGIO DO SEU VULTO.

ABREU, Gaspar de

Ano: 1900 | Número: 17a

Como citar este documento:

ABREU, Gaspar de, Martins Sarmiento. O prestígio do seu vulto. *Revista de Guimarães*, Volume especial, 1900, p. 58-60.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

MARTINS SARMENTO

(O PRESTIGIO DO SEU VULTO)

Não pretendo entrar na apreciação do valor scientifico de Martins Sarmiento; outros, de incomparavel superioridade de competencia, o farão devidamente.

Venho por isso como leigo, como mero espectador d'uma scena incomprehendida, que vi desenrolar-se á luz da minha vista, dizer o que pude observar, tirando d'esses simples aspectos as considerações de que a minha critica é capaz.

Não conheci Martins Sarmiento senão na ultima phase da sua vida, na sua ultima feição moral; e é n'esse cyclo que elle tem precisamente mais valor, que elle é digno de estudo e de commemoração.

Mas felicito-me ainda assim por isso e se este genero de escripta não fosse como é, o de simples critica, fria e serena, eu deixaria aqui gravadas em palavras orvalhadas de saudade as recordações tão sentidas que por vezes me acodem ao espirito e me opprimem o coração.

Mas retiremos a vista de cima da louza do seu tumulo e contemplemolo apenas historicamente, como vulto que pertence á galeria dos varões illustres de uma nação.

Notemos pois, para se lhe fazer rigorosa justiça, esta circumstancia notabilissima: Martins Sarmiento não pertencia a partidos, em qualquer ramo em que póde manifestar-se a actividade moral humana.

Vivia só, e indifferente a tudo, reprovando de dentro do seu isolamento as machinações, os movimentos politicos, os festejos, as solemnidades.

Via que pelo mundo social, agitado e tumultuario, lavravam dois terriveis cancos: inconsciencia e má fé.

Por isso se encarcerava na sua bibliotheca, como um monje na sua cella: ahi não havia o ruído das ruas, não chegava a intriga das salas, não entrava o movimento apaixonado da politica; só elle lia, pensava, escrevia, vendo passar indifferente os dias e os acontecimentos.

Não procurava adeptos para as suas ideias, ao contrario do que acontece com grande numero de homens, ainda os mais notaveis, como por exemplo Voltaire que, apesar de todo o seu genio, tinha assalariada nos theatros uma *clack* que lhe applaudia os seus dramas, Shakespeare que fez outro tanto até á sua entrada para a côrte da rainha Izabel, Victor Hugo que tinha um verdadeiro partido, uma escóla, recebendo os applausos dos seus discipulos, etc.

A sua legenda, como homem e como estudioso, seria a que usa um diplomata — *fac sollus*, porque o seu espirito não se subordinava a principios de qualquer escóla, não pautava a sua acção de homem de sciencia por normas de qualquer fórma estabelecidas.

Insaciado de saber e de estudar, conhecendo os muitos exemplos da fallivel probidade scientifica, com uma paciencia e uma tenacidade espantosas, elle descia vagarosamente até ao intimo recondito das coisas, sendo possivel até á sua origem, perscrutando e investigando.

Poderia levar-lhe um anno a tirar uma duvida, mas não seguiria além sem transpôr a difficuldade que se lhe oppozera.

Espirito liberal, dotado de uma immensa superioridade de character, que se traduzia pela despretenção com que trabalhava, sem aquella recompensa tão apreciada da propaganda e do renome, elle explorava em silencio um ramo de sciencia dos menos attrahentes: era um antiquario, escrevendo livros e artigos, que não podiam ter réclame, porque seria inutil, por infructifero.

Entretanto este homem assim, que não influa em eleições de quarenta maiores, nem figurava na guarda de honra das procissões, que não tinha o seu nome enfileirado na pesada legião dos burocratas, que para muitos era desconhecido, que para quasi todos era inaproveitavel, a não ser pelos serviços do seu talento e do seu character, tinha dentro de si uma força mysteriosa, um poder absorvente e irresistivel.

Martins Sarmiento dominava onde e quando apparecesse.

Como explicar-se esta quasi utopia ao findar d'um seculo, que consagrou definitivamente a theoria britannica de Bentham e deu todo o applauso ás ideias cannibalescas do economista Malthus?

O prestigio comprehende-se que ainda hoje exista em individualidades que, pela subtileza dos seus attractivos, emocionem vivamente as multidões, como são os tribunos, os poetas, os artistas, os generaes, os principes, as mulheres...

Esses, sim, que trazem consigo o condão magico de tocar a sensibilidade das massas populares.

As multidões, que representam na hierarchia da civilisação a infancia da humanidade, abdicam sempre da razão para julgar pelo sentimento apenas; e tão imperiosa é essa força, que por vezes se transmite e subjuga as mesmas classes onde domina uma serena convicção e um frio raciocinio.

É bem sabido que quando a Grecia se desprendeu dos ferros da Turquia, reconquistando heroicamente a sua liberdade, essa autonomia lhe foi sancionada devido em grande parte a uma vertiginosa cruzada romantica, que se levantou em toda a Europa, tendo á sua frente a lyra so-luçante do poeta Lord Byron.

Por vezes até uma simples phrase, como uma scentelha de fogo, motiva n'um rapido instante, um prodigio ou um triumpho: se acaso Nelson, ao cahir varado na batalha de Trafalgar,

não tivesse proferido aquellas palavras memoraveis — *cumpra cada um o seu dever* — a victoria da marinha ingleza teria sido muito incerta.

Identicamente a phrase, como esta celebre, d'um monarcha francez, derrotado com todo o seu exercito — *perdeu-se tudo menos a honra* — traz o seu nome atravez da historia, na memoria das gerações, cercado d'uma auréola luminosa, apesar de se saber que elle entregára a espada nas mãos do vencedor.

É preciso pois, mais que tudo, satisfazer a opportunos requisitos estheticos; e era por isso que Pascal julgava indispensavel que os magistrados usassem toga, sem o que, dizia, perderiam tres quartas partes da sua auctoridade.

... Feito isto tem-se dominado espontanea ou inadvertidamente a consciencia ou melhor a inconsciencia popular e o prestigio é então um quasi fluido electrico, que faz vibrar n'um movimento de fascinação, ou até de idolatria, a alma de quem quer que rodeie quem assim se impõe.

D'aqui a conclusão: não consegue conquistar a admiração do publico o homem que não tem um partido, natural ou artificialmente recrutado.

Cavour, famoso pelo cynismo e pela agudeza penetrante do seu espirito, na lucta desesperada de conquistar como estadista o applauso do povo italiano, aproveitou-se da corrente da opinião publica, anti-clerical, d'esta fórmula em que elle se define: — «quando quero que me acceitem uma proposta, devoro um frade».

Mas teria acaso Martins Sarmiento alguma d'estas qualidades moraes, algum d'estes predicados artisticos? Não tinha.

Apesar d'isso, porém, o seu nome era venerado e a sua presença impunha o silencio do respeito.

Não tinha, é certo, o prestigio ruidoso e ostensivo, que é o pedestal em que se levantam os grandes agitadores das massas populares; mas o culto, o verdadeiro culto, silencioso e mudo, mixto de fervor e de receio, de crença e de mysterio.

Que motivos poderiam, pois, conduzir a tão sincera homenagem?

A minha incompetencia não me permite documental-o; mas um intimo presentimento faz-me crêr que n'elle existia o saber profundissimo e que por isso n'elle se admirava o homem cujo nome havia de gravar-se nas paginas da historia nacional e eternisar-se na memoria das gerações futuras.

Guimarães, 1900.

Gaspar de Ábreu.

